



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

**CORPOS QUE NÃO PARAM: NARRATIVAS SOBRE CRIANÇAS COM
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, DE CONCENTRAÇÃO E DE
RELACIONAMENTO**

Gabriela Arenhaldt

Lajeado, junho de 2017

Gabriela Arenhaldt

**CORPOS QUE NÃO PARAM: NARRATIVAS SOBRE CRIANÇAS COM
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, DE CONCENTRAÇÃO E DE
RELACIONAMENTO**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Mariane Inês Ohlweiler

Lajeado, junho de 2017

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar a minha escrita dos agradecimentos, posso dizer que parece ser um sonho que estou vivendo neste momento, em que estou finalizando mais uma etapa da minha vida acadêmica. Chegar aqui, não foi nada fácil, entrar na universidade, tão pouco foi, porém hoje chegou a hora de reverenciar a todos que, de alguma forma, colaboraram para tornar o meu sonho realidade.

Ao citar todos que foram muito importantes nesta etapa, primeiramente quero agradecer a Deus, que nos momentos de maior fraqueza, sempre esteve presente em minhas orações, fazendo com que eu não desistisse. Por isso, eu só tenho a agradecer, por Ele me possibilitar estes anos de estudos, de descobertas e de superações, por me fazer acreditar em mim e nos meus ideais, por me fortalecer a cada obstáculo, por me reerguer a cada queda.

À minha família por sempre acreditar em mim, assim como pela compreensão e companheirismo, sendo meu alicerce em tudo o que fiz até hoje.

Ao meu noivo Josemir que, nestes meses de pesquisa e elaboração, foi de grande importância, acolhendo-me e trazendo-me paz nas correrias de cada semestre, apoiando-me nos momentos de dificuldades.

Agradeço a todos os colegas e equipe diretiva do Colégio Cenecista João Batista de Mello e Colégio Santo Antônio por compreenderem os momentos de ausência em toda a minha caminhada acadêmica, assim como por abrir as portas da escola para a minha pesquisa.

Agradeço imensamente a todos os professores que tive durante a graduação na UNIVATES e, principalmente, à minha orientadora Mariane que sempre esteve disposta a melhorar e contribuir com o meu trabalho. Dizer-lhe muito obrigada é pouco, visto que este período foi de enorme contribuição com todas as intervenções que fez ao longo desta nossa caminhada. Considero “nossa” esta conquista porque a parceria foi grande. Digo também, o quanto foi gratificante tê-la conhecido e por ter sido minha orientadora.

A minha avaliadora Danise Vivian, por ter aceitado o convite de acompanhar o meu trabalho, formando a banca examinadora, contribuindo com os seus conhecimentos, a partir de um olhar criterioso e muito importante para o meu trabalho. A você, meu muito obrigada, serei por toda a vida grata por seus ensinamentos.

Serei eternamente agradecida a todos vocês, por me acompanharem neste momento que julgo ser um dos mais importantes por mim vividos até aqui.

“Há momentos na vida em que a questão de saber se podemos pensar diferentemente do que pensamos, e perceber diferentemente do que vemos, é absolutamente necessária se quisermos continuar de algum modo a olhar e refletir [...]”.

(FOUCAULT, 1985, p. 8)

RESUMO

“Corpos que não param” e medicalizações são duas expressões que se tornaram muito comuns no contexto escolar. A cada ano, a busca por diagnósticos cresce significativamente. Professores e pais não sabem mais como lidar com as crianças que não param. Vive-se um cenário em que as crianças apresentam cada vez mais dificuldade de manter-se em sala de aula e de assistir a uma aula. Com a ampliação do acesso escolar, os alunos têm constituído um grupo extremamente heterogêneo, o que faz com que eclodam as dificuldades de aprendizagem, de relacionamento e de concentração, problemas estes que procuram “ser solucionados” com o uso da medicalização. Este processo acaba classificando os discentes, muitas vezes, como normais ou anormais. A partir deste trabalho, buscou-se analisar de que forma são narradas crianças com dificuldades. Além disso, procurou-se perceber e refletir se as crianças realmente necessitam do uso de medicalizações. O problema principal consistiu em saber de que modo são narradas as crianças com dificuldades de aprendizagem, de relacionamento e de concentração. Para tanto, este estudo baseou-se em uma metodologia qualitativa, a partir da análise de pareceres e aplicação de questionários com as famílias de crianças que apresentam alguma das dificuldades mencionadas em turmas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada situada no município de Lajeado/RS. A pesquisa abarca os conceitos de: atenção, aprendizagem e anormalidade, a partir de autores dos campos da Psicologia, Filosofia e Educação, como: Karine Coutinho, Michel Foucault, Jorge Ramos do Ó, Walter Kohan, Claudia Rodrigues de Freitas, entre outros. A partir do estudo realizado destacaram-se as seguintes constatações: a maioria das crianças que participaram da pesquisa possuem algum tipo de acompanhamento com profissionais fora da escola, como psicólogo, psicopedagogo, entre outros especialistas; as famílias acreditam no uso e eficácia dos medicamentos utilizados pelas crianças, não relatando em momento algum dúvidas ou receios em relação aos efeitos colaterais; os termos de normalidade e anormalidade ainda fazem parte da escrita dos professores em pareceres, e por sua vez acabam classificando o aluno dentro de um destes conceitos.

Palavras-chave: Aprendizagem. Atenção. Aluno problema.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pieter Bruegel, 1560.....	13
Figura 2 – Categorização de dados, conforme imagens 1 e 2.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O SURGIMENTO DA INFÂNCIA E DAS ESCOLAS.....	12
3 ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS X ALUNOS EM SITUAÇÕES DE NÃO APRENDIZAGEM.....	17
4 APRENDIZAGEM X ATENÇÃO: O QUE É NECESSÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE PARA QUE ACONTEÇA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM?	20
5 NORMAIS X ANORMAIS: O QUE ESPERAR DE NOSSOS ALUNOS?	25
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
7 PERCEPÇÕES ACERCA DA PESQUISA DE CAMPO	35
7.1 Descrições familiares	35
7.2 Descrições escolares.....	42
7.3 Relações perceptíveis.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES	52
APÊNDICE A – Termo entregue ao diretor da escola como autorização para iniciar a pesquisa	53
APÊNDICE B – Termo entregue aos pais dos alunos que farão parte da entrevista	54
APÊNDICE C – Questionário entregue às famílias dos alunos	55

1 INTRODUÇÃO

Quando paro para pensar o porquê de ter escolhido a minha profissão, relembro as incertezas de uma garota adolescente que tinha muitas dúvidas do que queria para o seu futuro. Quando criança, as brincadeiras eram de veterinária, cantora, atriz, entre outras. Até gostava da brincadeira de ser professora, mas as outras também eram muito atraentes e encantadoras.

Com o passar do tempo, enquanto crescia, sempre fui muito incentivada a ser professora, afinal somos uma família de professores e músicos. Quando estava chegando ao final do Ensino Fundamental, a minha irmã propôs-me a inscrição ao magistério, e o maior medo era: e se não gostar? Sempre me deixaram livre para o caso de desistir. Porém, em apenas uma semana de Ensino Médio no Curso Normal, encontrei-me na minha profissão, foi algo que me tocou e que me motivava cada dia mais.

A proposta curricular do Curso de Magistério que frequentei, propiciava muita prática em sala de aula. Após iniciar o Curso, comecei a trabalhar na área com crianças de 6 a 14 anos, em um projeto do município em que moro. Surgiu aquele friozinho na barriga, afinal era a minha primeira experiência. Após, enfrentei os estágios que me deixaram marcas muito positivas.

Com o término do meu contrato, procurei por outras experiências. Acabei trabalhando com turmas de Educação Infantil (4 a 5 anos e de 1 a 2 anos). Por fim, voltei para a faixa etária dos Anos Iniciais, na qual permaneço até hoje. Atuei com o

Turno Integral (2º ano) inicialmente e, atualmente, trabalho com uma turma do 1º ano do Turno Integral. Durante a atuação com os anos iniciais, também iniciei meus estudos no Centro Universitário Univates, e então já não tinha mais dúvidas do Curso que faria.

E agora, encontro-me aqui, após anos de estudo na Universidade, compartilhando experiências, teorias, reflexões. A cada disciplina, novas aprendizagens e inquietações. Vejo que nesta minha caminhada consegui passar por muitas experiências, positivas ou não. Todas me permitiram um crescimento em minha experiência para a vida profissional. E posso afirmar que a partir desta minha caminhada, escolhi o tema que apresentarei na sequência para o meu trabalho de conclusão.

Nestes anos de graduação, discutimos muito sobre as crianças e seu tempo de aprendizagem. Sabemos que cada uma apresenta a sua singularidade e tem um tempo só seu para aprender. Mas algo que sempre me perturbou, principalmente nas experiências citadas acima e que me causam inquietações é: Por que a criança um pouco mais lenta ou que é muito agitada tende a ser considerada um “aluno anormal”?

Nas escolas, atualmente, há um desejado padrão de comportamento, o que chamamos de homogeneização. Pouco valor ainda se dá para a singularidade do aluno. Parece haver inclusive um padrão de normalidade, que geralmente, já é estabelecido na sociedade.

Quando volto ao meu tempo da sala de aula, consigo ter lembranças de falas de professores que me remetem a este padrão de normalidade, como: “Preciso apagar o quadro e o Pedrinho ainda nem começou a copiar”, “O Gabriel precisa de uma atividade extra! Será que adianta?”, “Acho que este aluno possui hiperatividade, ele não para quieto”, entre outras falas muito comuns na vida escolar.

Uma grande parte da minha curiosidade por este assunto, apresentado aqui no meu Trabalho de Conclusão, originou-se nestes momentos em que observava e escutava atentamente frases como essas de professoras da minha época de escola, assim como inquietações que me provocaram durante estes anos de magistério e

graduação. Momentos estes em que discutíamos sobre as crianças que apresentavam singularidades e necessitavam de tempos diferentes uns dos outros para aprender. Por isso, meu foco principal não serão questões da área de Educação Especial, no sentido de pensar a inclusão de crianças com deficiência, e sim de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, concentração e relacionamento, que podem ser vistos como casos em que se faz necessário trabalhar com processos de inclusão. Neste trabalho, o enfoque serão os modos como essas crianças são narradas pela família e pela escola.

O estudo que originou este trabalho partiu de algumas inquietações que provocaram ainda mais o interesse por esta temática, assim como a partir das minhas vivências e experiências na área da educação.

No dia a dia, observa-se o comportamento de alunos que usam medicamentos e que são considerados “anormais”, o que me deixa com vontade de saber mais e entender estas singularidades. Muitas vezes penso e pergunto a mim mesma: “Como a medicalização pode influenciar a vida de uma criança?”.

Nas escolas, esperam-se crianças “perfeitas”, do tipo que não baguncem que escutem, que falem baixo, que não corram pelos espaços sem permissão. Ao observar os professores no dia a dia, pode-se observar que estão sempre ditando regras, que de certo modo ainda é o que as pessoas mais esperam da escola, que molde os sujeitos que a frequentam para conviver na sociedade.

Dentro deste panorama, o objetivo principal desta pesquisa consiste em saber de que modo são narradas as crianças com dificuldades de aprendizagem, de relacionamento e de concentração. Pensando na grande problemática que este assunto está se tornando nas escolas atualmente, acredita-se que este mereça ser aprofundado e problematizado.

Como objetivos específicos, pretende-se analisar as características utilizadas nos pareceres para descrever as crianças com dificuldades de aprendizagem, de relacionamento e de concentração; observar o teor dos discursos mais frequentes encontrados nos pareceres descritivos; e também buscar as relações entre os

discursos educacionais e os discursos da área médica; mapear o histórico de dificuldades acima mencionadas no contexto familiar.

Este estudo será abordado nesta pesquisa, inicialmente, através do surgimento da infância, para que se possa comparar como as crianças eram vistas em outras épocas e qual a abordagem atual: o que mudou? O que permanece? O que poderia ser diferente?

Em seguida, apresentam-se algumas problematizações sobre alunos com dificuldades de aprendizagem e alunos em situações de não aprendizagem. Embora os termos possam ser muito parecidos, há uma grande diferença entre eles. Também são apresentadas definições de autores sobre os conceitos de aprendizagem e de atenção, problematizando sobre o que é necessário para que aconteça o processo de escolarização na atualidade. E na sequência, é feita uma abordagem teórica sobre ser “normal ou anormal”, suas características e classificações. No capítulo seguinte, a metodologia, ou seja, a forma como se desenvolveu esta pesquisa.

No último capítulo, apresentação da pesquisa de campo, realizada através de questionários que foram enviados às famílias de alguns alunos. O questionário é constituído de 16 perguntas relacionadas à criança desde o planejamento da gravidez até o momento atual. As respostas foram divididas conforme os diferentes graus de relação, para posterior análise de dados. E em seguida, a análise dos pareceres de cada uma destas crianças, fazendo relação da escrita dos professores com a escrita das famílias.

2 O SURGIMENTO DA INFÂNCIA E DAS ESCOLAS

Durante a escrita deste trabalho, inicialmente não é apresentada a classificação exata do que é ser normal ou anormal, mas a partir da leitura de alguns autores, surgem algumas definições, ideias defendidas por eles, problemáticas e indagações desde o surgimento da infância.

Em se tratando da infância, a maioria das pessoas parte do pressuposto que ela sempre existiu da maneira que existe hoje. Porém, Philippe Ariès descreve todo esse processo de existência, que não nasceu de um momento para o outro. Até por volta do século XII, a infância como categoria que enquadra o sujeito infantil era desconhecida.

Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias (ARIÈS, 1981, p. 193).

No século XIII, embora existisse a intenção de retratar a infância, em pinturas e retratos da época, mantiveram-se os procedimentos do século XII, ou seja, o sujeito infantil continuou sendo desconhecido. No século XV e XVI, ainda não se representava a criança sozinha. Ela era representada, principalmente, em pinturas como: a criança com a sua família; a criança com seus companheiros de jogos, que na maioria das vezes eram adultos; a criança no meio do povo, mas sempre no colo da sua mãe ou sendo segurada pela mão dela; as crianças acompanhando os ritos

litúrgicos, entre outros. Pode-se perceber que até então ela ainda não havia conquistado o seu espaço. A infância começou a ser pensada de forma específica, considerando suas particularidades, apenas no século XVII. Como afirma Ariès (1981): “Foi no século XVII que os retratos das crianças sozinhas se tornaram numerosos e comuns” (ARIÈS, 1981, p. 28).

A figura abaixo nos mostra como as crianças se vestiam, assim como se pode observar o convívio coletivo entre adultos e crianças. Todos realizavam as mesmas atividades, não havia separação de atividades para crianças e adultos, como já citado acima.

Figura 1 – Pieter Bruegel, 1560¹



Fonte: Google, 2017.

Assim como Ariès descreve a infância e como se pode observar na imagem, esta realidade era muito diferente da atual. As crianças eram mini adultos, como citado anteriormente. Naquela época se vestiam como adultos e sua educação dependia unicamente da família e da comunidade local, pois não existiam escolas para que isso ocorresse. A fase infantil era muito curta, Ariès (1981) aponta que a

¹ Jogos infantis - **Children's Games**, 1560, Pieter Bruegel the Elder, Oléo sobre tela, 161 x 118 cm (63,3 x 46,4 in.), Kunsthistorisches Museum, Vienna, Austria.

infância era uma etapa muito pequena na vida, era limitada à fase de recém-nascido e após adulto-jovem. Não existiam outras fases intermediárias no século XVII. Após a chegada das emergentes sociedades industriais, surgiu a invenção das “fases da vida”, acarretando a separação de crianças e adultos, resultando em novas práticas e sentimentos familiares, processo denominado como escolarização por Ariès (1981).

Já em outro momento citado por Ariès, a partir do século XVII, após o reconhecimento das fases da vida, as crianças passam a ser o centro da atenção em suas famílias. Surgem também as demais instituições escolares com o intuito de controlar a infância, assim como, formar cidadãos que possam viver e conviver em sociedade. O estado passa a ter uma preocupação maior em tornar a sociedade mais produtiva através das escolas, mostrando um interesse muito grande em formar o caráter dessas crianças. O Estado surge para separar a criança do mundo adulto, através da escola, sendo este o instrumento socializador.

O Estado mostra um interesse cada vez maior em formar o caráter das crianças. Surge assim uma série de instituições com o objetivo de separar e isolar a criança do mundo adulto, entre elas, a escola. A criança adquire um novo espaço dentro e fora da instituição familiar (KOHAN, 2011, p. 66).

Os estudos sobre as crianças aumentaram a partir das transformações que foram ocorrendo no âmbito social, político e econômico, todos estes envolvidos na constituição do tempo e espaço moderno. Antes de a infância ser delimitada como uma etapa da vida, alguns pensadores já se detiveram sobre questões relativas ao que deveria ser ensinado às crianças.

As características dessa infância foram definidas pelos católicos (Erasmus, Vives, Rabelais) e protestantes (Lutero, Calvino). Ambos discutiam e divergiam muito sobre os estágios da infância e quanto ao momento certo de ensino das letras. Mas entre eles havia um ponto em comum, concordavam que as crianças deveriam aprender a ter fé e bons costumes, sendo que isso deveria iniciar muito cedo (COUTINHO, 2008).

Conectado a isso, tem-se a ação educativa da recém estreada família cristã, para quem se dirigiram tratados que assinalam os papéis do homem e da mulher em relação aos seus filhos, de onde advêm as ideias de amor natural entre pais e filhos e de verdadeira mãe, agora reclusa ao lar (COUTINHO, 2008, p. 54).

Assim como católicos e protestantes afirmavam que as crianças deveriam aprender a ter fé e bons costumes, Coutinho (2008) traz em sua citação a ideia de “amor natural”. Trata-se de uma concepção defendida e construída culturalmente e que é carregada até os dias atuais, no sentido de ser inaceitável o fato de existirem pais que não amam os seus filhos “acima de tudo”.

Outra ideia que Coutinho (2008) apresenta e que é defendida pelo Estado e pela Igreja: é que a partir do nascimento das crianças, a mulher passa para outro estágio que é o de ser mãe. Deve então ser reclusa ao lar, esta é outra herança ainda defendida atualmente por determinados segmentos sociais e culturais.

Com o decorrer do tempo, os estudos sobre a infância se intensificaram, sendo que alguns pensadores como Rousseau, Kant e outros ampliaram seus acervos sobre o comportamento infantil. O tema passou a ser cada vez mais polêmico. Walkerdine ressalta os seguintes aspectos sobre o estudo da criança:

Formaram-se Sociedades de Estudo da Criança e a prática de observar crianças se tornou bastante generalizada. Os corpos das crianças eram pesados e medidos. Estudavam-se os efeitos da fadiga, bem como seus interesses; imaginações, ideias religiosas; atitudes em relação às condições atmosféricas, aos adultos; desenhos; bonecas; mentiras; ideias e seus estágios de crescimento. [...] [Esses discursos] eram extraídos da Biologia, da Topografia e do senso comum da vida cotidiana (WALKERDINE, 1998, p. 167 apud COUTINHO, 2008, p. 54).

Deste modo:

Será nos colégios que se ensinarão formas concretas de transmissão de conhecimentos e de modelação de comportamento que, mediante ajustes, transformações e modificações ao longo de pelo menos dois séculos, suporão a aquisição de todo acúmulo de saberes codificados acerca de como pode resultar mais eficaz a ação educativa (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992, p. 79).

Ao pensar sobre o surgimento das instituições escolares, percebe-se o quanto elas se instauraram como instituições modeladoras, que passam a existir para transformar a criança, regrando-a e impondo limites ditos necessários. Deve-se lembrar sempre, que as instituições no passado eram principalmente para os filhos de classe alta. Com o passar do tempo, o Estado vê na escola uma possibilidade de controle da população mais pobre, ampliando o acesso a ela. Pois além de socializar o indivíduo, a escola deveria educar. Deste modo “a educação era justificada, assim,

como a operação capaz de levar as crianças e os jovens a incorporar as regras sociais pela via da inteligência e do conhecimento racional” (Ó, [S.A.], p. 47).

O processo de escolarização estabeleceu-se como sinônimo de “transmissão de conhecimento”, embora o intuito maior do Estado nação que estava se constituindo fosse o disciplinamento e controle dos corpos.

Atualmente o espaço escolar ainda é pensado “como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (FOUCAULT, 2013, p. 142). Essa é uma realidade talvez pouco admitida, porém o espaço escolar ao mesmo tempo em que é uma máquina de ensinar, também vigia, hierarquiza e recompensa. Até que ponto isto é benéfico para os alunos? Será que é benéfico? Que tipo de aluno a sociedade deseja? De que modo a escola procura atender às expectativas sociais? Por que estas ações (vigiar, hierarquizar e recompensar) continuam sendo tão importantes?

Talvez o leitor já tenha imaginado algumas respostas para estas questões, que foram lançadas para pensar, para mobilizar algumas justificativas já “tão dadas” em relação às funções da escola. No capítulo seguinte, apresento o conceito de aprendizagem e de atenção defendida por alguns autores. Além disto, também trago algumas reflexões acerca da minha vivência no cotidiano escolar.

3 ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS X ALUNOS EM SITUAÇÕES DE NÃO APRENDIZAGEM

Como visto no capítulo anterior, a educação familiar, escolar e social tem sofrido algumas modificações para chegar à configuração atual. E, a partir do momento em que a educação passou a ser um direito de todos, começaram a surgir algumas situações de dificuldades em relação à aprendizagem.

Quando se expressam os termos: “alunos com dificuldades de aprendizagem” e “alunos em situação de não aprendizagem”, eles parecem ter o mesmo significado ou semelhante, mas pesquisando mais e lendo sobre este tema, pode-se perceber que os significados são distintos.

Pode-se começar pensando pela simples palavra “conhecimento”. Em inúmeros lugares, profissionais de diferentes áreas discutem o significado da palavra “conhecimento”. Porém sempre é possível chegar a uma conclusão em comum: o conhecimento é antes de qualquer coisa, uma construção. Uma prova disto são as discussões das crianças. Muitas vezes, em suas falas, elas trazem questões que não são ditas ou ensinadas em sala de aula e pode-se perceber que é uma construção própria de conhecimento a partir do meio em que vivem e daquilo que costumam ver. Portanto, trata-se de construções que elas mesmas fazem.

A princípio, podemos até pensar que o ato de aprender e aprendizagem sejam a mesma coisa. Contudo, ao caminharmos pelo caminhar de Piaget, de Vigotsky, de Sara Pain, de Alicia Fernandes, de Jorge Visca e tantos outros teóricos que se preocupam com esse tema, percebemos que cada um desses autores, dentro dos seus princípios norteadores do desenvolvimento do sujeito, seja cognitivo, afetivo/emocional e/ou outros,

nos mostram um ponto comum: O ato de aprender é individual (PEREIRA, 2010, p. 114).

O pensamento de Pereira (2010) nos faz refletir sobre o ato de aprender, ou seja, cada criança desde os seus primeiros anos de vida possui o seu tempo de aprendizagem. Na escola, alguns atingem os objetivos da professora de forma mais rápida, outros de forma mais lenta. Estes, na maioria das vezes, são denominados como “os que possuem dificuldades de aprendizagem”.

Ainda há aqueles que se encontram em um grau que se pode denominar em situação de não aprendizagem. Estes alunos possuem uma pequena diferença, mesmo com todos os estímulos proporcionados, não correspondem aos objetivos almejados, porém podem apresentar crescimentos dentro do seu tempo. Isso, na maioria das vezes, acontece pelo fato de possuírem algum grau determinado de algum transtorno ou distúrbio.

Em uma única sala de aula, pode-se ter pelo menos duas classificações de alunos. O grupo de alunos que consegue com facilidade atingir os objetivos propostos pelo professor e o outro grupo conhecido como “alunos com dificuldades de aprendizagem”. Junto com todas as dificuldades que estes alunos enfrentam, na maioria das vezes, ainda surgem juntamente os “rótulos” dos colegas, amigos e até de professores. A triste realidade é saber que estes alunos têm potencial para atingir os objetivos, porém muitas vezes sentem-se incapacitados por falta de estímulos.

Golbert e Moojen (apud SUKIENNIK, 2000) afirmam que:

Mesmo preconizando que cada caso seja tratado como único, é preciso fazer algumas generalizações. Grande parte das crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam impulsividade, desajeitamento, desatenção, falhas na integração perceptiva, na memória, no pensamento e na linguagem, que, sem dúvida, perturbam as aquisições escolares. Tais comportamentos podem tanto ser causa como consequência de dificuldades na aprendizagem (GOLBERT; MOOJEN apud SUKIENNIK 2000, p. 79-80).

Na maioria das vezes são estes os fatos que também acabam afetando o lado emocional das crianças, ou seja, além das dificuldades de aprendizagem, acabam criando problemas de relacionamento, assim como de concentração. Este é um dos maiores enfrentamentos dos professores atualmente em sala de aula.

Para o teórico Lev Vygotsky (1998), o ser humano aprende através do meio social em que está inserido. Desta forma não se pode pensar a criança apenas no âmbito escolar, é preciso conhecer e compreender o contexto em que vive. Rodrigues (2013, p. 9) diz que “[...] o aluno sinaliza os conflitos pessoais e familiares através das mudanças de comportamento e o baixo rendimento nos conteúdos curriculares”. Diante disso não é possível que a grande maioria das crianças que apresentem qualquer dificuldade diante de atividades ou um comportamento tido como “anormal” tenham algum déficit ou alguma doença relacionada. Algumas vezes é apenas um fato que ocorre por motivos adversos que elas enfrentam.

No capítulo a seguir, são apresentados alguns conceitos sobre aprendizagem e atenção, problematizando assim o que é necessário para que aconteça o processo de aprendizagem nas escolas.

4 APRENDIZAGEM X ATENÇÃO: O QUE É NECESSÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE PARA QUE ACONTEÇA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM?

Pode-se relacionar as situações de dificuldade de aprendizagem ao pensamento de Bauman (2001) quando diz que, atualmente, vive-se uma época chamada de “sociedade líquida”, em um mundo capitalista, em que o desejo é imediato, instantâneo, no qual o ser humano tornou-se dependente de bens materiais. Observando o dia a dia de crianças nas escolas, pode-se perceber que a sociedade líquida afeta-as muito, pois estão com a informação sempre ao seu alcance. Então porque utilizar a pesquisa bibliográfica ou sujeitar-se aos saberes do professor, se o *google* fornece as informações completas?

Bauman (2001) diz que:

O que está errado com a sociedade em que vivemos, [...] é que ela deixou de se questionar. É um tipo de sociedade que não mais reconhece qualquer alternativa para si mesma e, portanto, sente-se absolvida do dever de examinar, demonstrar, justificar (e que dirá provar) a validade de suas suposições tácitas e declaradas (BAUMAN, 2001, p. 30).

Bauman (2001) cita alguns exemplos da nossa sociedade atual, em que o desejo de tudo é muito imediato, a informação está sempre pronta e nesta rapidez em que tudo acontece, deixa-se de questionar, de interrogar, e buscar o porquê das coisas.

Portanto, a criança começa a ter características de adulto como apresenta o autor Augusto Cury (2014) em seu livro “Ansiedade” ². Ele descreve a criança atual como:

Uma criança de sete anos, na atualidade, provavelmente tem mais informações do que tinha um imperador no auge da Roma antiga e do que tinham Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, enfim, os grandes pensadores da Grécia antiga (CURY, 2014, p. 107).

E ainda problematiza: “Como evitar que as crianças estejam mentalmente agitadas, desconcentradas, impulsivas, com dificuldades de elaborar suas experiências? Impossível” (CURY, 2014, p. 107).

O autor apresenta uma ideia muito discutida nas escolas e principalmente entre professores na atualidade. Muitas vezes, pergunta-se até que ponto este excesso de estímulos pode “beneficiar” as crianças. As crianças têm praticamente tantas tarefas quanto um adulto e com isto elas se encontram cada vez mais irritadas, intolerantes, inseguras.

Esta é a realidade atual quando se fala de infância. As crianças têm muitas ocupações diárias, até que ponto isto é benéfico? Será que é? Agora feche os olhos e reflita: quantas vezes você ouviu, nos últimos tempos, alguém dizer “meu filho é hiperativo”, “meu filho não aprende”, “meu filho não consegue se concentrar”? Assim como me pergunto: “Por que as crianças estão tão desatentas?”, “Por que os adultos estão desatentos?”, “Por que todos estamos? ”.

A contemporaneidade também trouxe outra problemática na maneira de lidar com as frustrações, com os medos, dificuldades, tristezas, angústias. E os professores devem estar cada vez mais aptos para saberem lidar com estas frustrações, que se expressam das mais variadas formas, o que faz aumentar o número de laudos médicos, com resultados dos mais variados transtornos.

Vive-se uma fase em que a falta de atenção e as dificuldades de aprendizagem estão muito presentes em sala de aula, e isso, na maioria das vezes,

² Saliento que embora Augusto Cury não seja um pesquisador universitário, o dado histórico trazido em seu texto nos faz pensar sobre o excesso de informações as quais as crianças estão sujeitas atualmente.

acaba afetando gravemente os estudos. Mas antes de pensar nesta problemática, é necessário fazer uma breve explanação sobre o conceito de “aprendizagem”.

Para pensar neste conceito Goulart (apud OLIVEIRA et al., 2010) diz que não existe apenas uma explicação para aprendizagem, pois esta pode ser vista de muitas perspectivas, como:

Movimento que vai do mundo para o sujeito e do sujeito para o mundo, sempre mediadas pelas significações culturais dadas pelo ambiente a que o sujeito pertence. As pessoas, portanto, compartilham modos de agir e de pensar. Nessa troca, aprende-se. Essa perspectiva não concebe a aprendizagem separada do desenvolvimento (GOULART apud OLIVEIRA et al., 2010, [S.P.]).

A partir da leitura do conceito de aprendizagem descrito acima, percebe-se que a autora enfatiza muito a aprendizagem de acordo com o meio em que o indivíduo vive. Este é um fator muito importante na aprendizagem. Por isso, no momento em que as pessoas de culturas diferentes compartilham modos de agir e pensar, acontece uma grande troca de saberes. Relacionar esta troca na rotina da escola (na chegada, no recreio, na saída, em momentos de livre exploração, entre outros), segundo a autora, a aprendizagem pode acontecer em qualquer hora, e não apenas quando o professor está explanando conteúdos. Para Goulart (apud OLIVEIRA et al., 2010), esta troca entre seres humanos é o fator essencial para a aprendizagem.

Também existem as aprendizagens em espaços não formais, que acabam sendo uma forma de aprendizagem em que acontecem, trocas de saber como a autora citou acima. Biesta (2013) diz que: “Há também um mercado em rápida expansão para modos não formais de aprendizagem, como academias de ginástica e clubes esportivos, por meio de manuais de autoajuda, da *internet*, dos vídeos, CD’S, DVD’S, etc” (BIESTA, 2013, p. 35).

A educação não formal se dá fora do ambiente escolar. A partir desta definição de aprendizagem como troca entre os indivíduos, ainda questiona-se: o que é a aprendizagem? Biesta (2013) pressupõem que:

A aprendizagem tem a ver com a aquisição de algo “externo”, algo que existia antes do ato de aprender e que, como resultado da aprendizagem torna-se posse do aprendente. É o que muitas pessoas têm em mente quando dizem que alguém aprendeu alguma coisa. Mas podemos também

considerar a aprendizagem de um ângulo diferente e vê-lo como uma resposta (BIESTA, 2013, p. 46).

Nesta afirmação o autor defende o que entende por aprendizagem de duas formas: uma delas é por aquisição e outra por resposta. A aprendizagem por aquisição consiste em querer sempre mais e a aprendizagem por respostas define em que posição está e quem é você. Entre as definições de aprendizagem apresenta-se ainda a conceituação do âmbito escolar, a qual, para Elias e Axt (2004) é:

[...] concebida como transmissão de informações/conhecimentos, é marcada por pontos de partida e pontos de chegada previamente definidos. Movimento supostamente homogêneo, funcionando como elemento disciplinador, a partir de uma idealidade totalizante que deve responder a uma certa ordem e a uma determinada disciplina com vistas a atingir determinados resultados (ELIAS; AXT, 2004, p. 18).

Talvez seja exatamente esta definição de aprendizagem que é vislumbrada mais rapidamente ao observar este conceito. E quando este processo “intencionalmente homogêneo” não funciona, nos deparamos com o sujeito considerado “não aprendente”. Deste modo Elias e Axt (2004) dizem que:

Se o aluno não aprende, se não segue o caminho predeterminado, é porque não consegue ficar quieto, não consegue compreender, não se adapta à disciplina. Tais práticas de rotulações negativas são confirmadas muitas vezes pelos mais variados diagnósticos psicológicos classificatórios possíveis: hiperatividade, problemas cognitivos, problemas comportamentais e/ou emocionais. A partir destes rótulos, ou o aluno (geralmente de classe economicamente baixa) é promovido para a série seguinte por compaixão, ou é reprovado por castigo, ou ainda pode ser encaminhado para “turmas especiais” (ELIAS; AXT, 2004, p.18).

No contexto das aprendizagens escolares, a atenção é tomada como um fator necessário para que as aprendizagens ocorram. Se o aluno não aprende, deve ter algo errado. A atenção é inclusive uma grande preocupação dos professores. Assim como a aprendizagem, a atenção também é um conceito definido por diversos autores e de diversas formas, podendo ter significados diferentes. Para Ferreira a atenção: “[...] serve para advertir, recomendar, cuidar, impor silêncio: pare, cuidado, olhe [...]” (FERREIRA, 1986, p. 191). Já Helene e Xavier sugerem a atenção sob outro ponto de vista: “Atenção corresponde a um conjunto de processos que leva à seleção ou priorização no processamento de certas categorias de informação. [...] é o tempo que se refere aos mecanismos pelos quais se dá tal seleção” (HELENE; XAVIER, 2003, p. 12).

A atenção é antes de mais nada um conjunto de progressos que classifica a priorização no processo de categorias de informação. É o momento de parar, cuidar, de impor silêncio. Quando a dispersão se torna algo comum e persiste por muito tempo, na maioria dos casos, encontram-se os alunos com alguma dificuldade de aprendizagem, como afirma Elias e Axt (2004): “O que foge a essas orientações, considera-se dispersão. Nos casos de persistência na dispersão, encontram-se classificados os alunos com ‘problemas de aprendizagem’ (ELIAS, AXT, 2004, p. 25). As escolas ainda estão vivendo um modelo moldado por elas mesmas, em que o percurso de todos deve ser igual, assim como os resultados.

Refletindo sobre o conceito de aprendizagem e de atenção, remeto-me aos “corpos que não param”³ e me vem uma grande dúvida: será que no século XVII já existia esta “falta de atenção” e todos estes transtornos que hoje são detectados, ou será que nem se pensava nesta hipótese?

³ Destaco aqui a autoria desta expressão, de Karine Coutinho (2008), cujas palavras utilizo também no título deste trabalho para representar uma realidade extremamente atual e sinalizar a pretensão social de controle, seja através da escola ou de demais instituições.

5 NORMAIS X ANORMAIS: O QUE ESPERAR DE NOSSOS ALUNOS?

A maioria das pessoas reconhece que para haver aprendizagem é preciso ter vontade, isso se remete tanto aos alunos, como para os professores. Aliada a noção de vontade para aprender, construiu-se socialmente a ideia de que é necessário ter “aptidão” para aprender. A aptidão vem diretamente ligada à noção de capacidade e às classificações de “normal e anormal”. Michel Foucault (1975), em seu livro *Os anormais*, descreve os conceitos de normalidade e anormalidade, partindo de situações históricas e refletindo sobre quem poderá ser este “ser diferente” que se conhece como anormal. Ele realiza sua análise no contexto da França.

Foucault inicia a discussão sobre o conceito de anormalidade a partir do século XVIII, quando surgem as três principais ideias de anormais descritas pelo autor: a primeira delas foi definida como “monstro humano”, esta “constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza” (FOUCAULT, 2001, p. 47). Esta figura representaria, por exemplo, os sujeitos que cometem algum crime ou algo que constranja o convívio em sociedade. A segunda figura de anormalidade é conhecida pela indisciplina ou como: “indivíduo a ser corrigido” que acaba desacomodando as famílias e a educação, em busca da sua correção. A terceira figura citada pelo autor é o “masturbador”, em que “a masturbação é o segredo universal, o segredo compartilhado por todo mundo, mas que ninguém comunica a ninguém”

(FOUCAULT, 2001, p. 50). Entre estas três figuras, a segunda, vem ao encontro da temática central deste trabalho.

Percebe-se que aquele que era considerado anormal, era visto de forma grotesca, como um ser que nasceu com defeitos, com falhas, como aquele que não deveria ser apresentado para a sociedade. Era algo que desacomodava as famílias, assim como a educação, que não estava preparada para lidar com estes casos. Caliman (2006, apud FREITAS, 2011), traz uma interrogação bem importante e também instigante atualmente: como saber se o aluno já passou dos limites da normalidade? E questionando um pouco mais: Será que se pode traçar limites para a anormalidade?

A prática diagnóstica das patologias da atenção se deparava com dois problemas: como definir os casos nos quais o distúrbio da atenção era um sintoma secundário daqueles que ele estava em primeiro plano? Como saber quando seus excessos e suas falhas ultrapassam o limite da normalidade? (CALIMAN 2006 apud FREITAS, 2011, p. 40).

Esta era uma dúvida muito frequente descrita por Foucault (2001), quando ainda não se tinham respostas para estas indagações e ao mesmo tempo pergunta-se: será que hoje se tem? Só na década de 50 do século passado que a medicação passou a ter um uso mais frequente e ficou conhecida como uma droga estimulante. Cada vez mais se passou a observar os alunos agitados e acabaram se criando “barreiras” com estes alunos, como afirma a autora: “É como se reeditassem permanentemente um espaço esquadrinhado na sala de aula ou no âmbito escolar para deixar de fora os que ‘não param’” (CALIMAN apud FREITAS, 2006, p. 4). Estes alunos são muitas vezes excluídos por colegas, por professores e toda a comunidade escolar em alguns casos.

No ano de 1838 a Psiquiatria passou a ser reconhecida pela sociedade, através de uma lei que a declarou como disciplina médica. A partir do momento que esta lei entrou em vigor, o médico psiquiatra passou a ser o responsável pelo diagnóstico de todos estes conhecidos como “anormais” e este era o único responsável em diagnosticar se aquele ser humano faria mal à sociedade ou não e se “é capaz de perturbar a ordem ou ameaçar a segurança pública” (FOUCAULT, 2001, p. 120).

O indisciplinado passou a ser, segundo o autor, aquele que recebe atenção psiquiátrica e é definido pela sociedade como aquele que não respeita e que não cumpre com as regras estabelecidas pela família, pela escola e pelo local onde vive. Naquela época, a Psiquiatria ganhou um grande espaço na sociedade, tudo que era negativo, era enviado para os cuidados destes médicos; “tudo que é desordem, indisciplina, agitação, indocilidade, caráter recalcitrante, falta de afeto, etc, tudo isso pode ser psiquiatrizado agora” (FOUCAULT, 2001, p. 138). A Psiquiatria passou a se tornar uma “técnica de correção da família, mas também de restrição” (FOUCAULT, 2001, p. 125).

Foucault (2001) também ressalta que o anormal, ou seja, aquele que é considerado “doente”, passa a ser afastado de suas atividades, de seu grupo e daquilo que está fazendo por apresentar perigo não só para a sociedade, mas também “perigo para ele próprio” (FOUCAULT, 2001, p. 123). Isso é muito visível em nas escolas atualmente, crianças que demonstram ser um pouco mais agitadas são vistas com outros olhos e, em alguns casos são separadas dos demais alunos em determinados momentos.

O documentário “Tarja Branca” (2014) apresenta a ideia de que se está vendo e vivendo cada vez mais a rebeldia das crianças dentro da escola. A violência está aí e são as próprias pessoas que as violentaram. As crianças estão sendo violentadas da capacidade de ser gente, da capacidade de criar e de brincar. A ideia trazida no documentário faz refletir sobre a anormalidade e a liberdade de criar, inventar e de ser gente. Quantas vezes moldam-se os alunos, regrando-os com horários e normas, pensando que todos devem andar no mesmo ritmo e chegar ao mesmo nível de aprendizagem, incorporando a ideia que isto será o melhor para estes alunos.

A partir disso, Ó ([S.A.], [s.p.]) diz que o professor deveria mudar os seus métodos, ao invés de igualar a população escolar. Com isso, conseguiria atender melhor as especificidades e as necessidades dos educandos. Pensando sobre estas considerações, pode-se perceber o quanto a escola ainda busca por um espaço de obrigatoriedade, concentração, disciplinamento, regramentos, que possa homogeneizar os alunos e buscar assim o autocontrole de todos.

Desta forma, reflete-se sobre esta diferenciação entre um ser normal e um ser anormal, como se pode dizer que determinando ser é normal e o outro não? Coutinho (2008) questiona a representação das crianças anormais, que são rotuladas pela sociedade como: “[...] atrasadas, turbulentas, desrespeitosas, abúlicas, indóceis, distraídas, desatentas, atordoadas, inquietas, inadaptadas, instáveis, débeis e deficientes” (COUTINHO, 2008, p. 67).

A falta de atenção e dificuldades de aprendizagem têm se tornado um dos maiores problemas no âmbito escolar. A atenção se tornou muito passageira em um mundo de novidade e informações constantes. Kastrup (2004) diz que:

Um dos motivos é que o funcionamento da atenção no mundo contemporâneo vem assumindo uma característica marcante. É possível observar que a atenção desliza incessantemente entre fatos e situações, transparecendo certa dificuldade de concentração. Numa busca acelerada de novidade a atenção é passageira, muda constantemente de foco e é sujeita ao esgotamento em frações de segundos (KASTRUP, 2004, p. 7).

Dentre os problemas de atenção de aprendizagem presentes em qualquer sala de aula, sempre existem alunos que não acompanham as atividades. Por isto, muitos rótulos têm sido atribuídos a eles: alunos com distúrbios, hiperativos, déficits de atenção, indisciplinados, com problemas, entre outros. Como afirmam Golbert e Moojen (apud SUKIENNIK, 2000):

Mesmo preconizando que cada caso seja tratado como único, é preciso fazer algumas generalizações. Grande parte das crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam impulsividade, desajeitamento, desatenção, falhas na integração perceptiva, na memória, no pensamento e na linguagem, que sem dúvida perturbam as aquisições escolares. Tais comportamentos podem tanto ser a causa como consequência de dificuldades na aprendizagem (GOLBERT; MOOJEN apud SUKIENNIK, 2000, p. 79-80).

Quando se tem o contato diário com crianças que possuem as características citadas acima, muitas vezes reflete-se sobre o que as autoras citaram: será que estas características são a causa ou a consequência destas dificuldades na aprendizagem?

A escola, atualmente, é vista como um espaço de disciplinamento, conforme já citado anteriormente. Este local é onde se espera a obediência constante, e esta forma de funcionamento da escola faz com que o número de “anormais” se multiplique. Algumas vezes, quando se vê estes cenários nas escolas, pergunta-se:

será que o aluno problema/anormal não é somente “um problema” para os adultos? Ou será que não é só “um problema” na escola? Como será que este indivíduo se comporta na sua casa? São questões para refletir, que muitas vezes acabam ficando de lado no trabalho diário do professor.

Afinal, em uma sociedade tão diversificada como esta em que se vive, ainda se busca insistentemente a homogeneização. A escola é uma das instituições que mais busca o controle e o disciplinamento, e então cabe questionar: o quanto é tolerado o diferente?

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Durante a escrita do Trabalho de Conclusão I e II, houve muita ansiedade e expectativa pela escolha da maneira mais adequada de abordar o problema de pesquisa. Havia incertezas da parte da acadêmica, de como o assunto seria aceito no espaço educacional a ser aplicado, assim como ainda havia o medo das barreiras que poderia encontrar durante o percurso da pesquisa. As expectativas existiram e elas precisavam ser formadas e superadas, por isso tentou-se abordar estes assuntos da melhor forma possível.

Para a realização da pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa que busca explicar o porquê das coisas, não são quantificados valores⁴. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. A pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos relacionados à realidade. Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa define-se como aquela que:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

Quando utilizamos a pesquisa qualitativa, pode-se ter diferentes significados em uma mesma pesquisa. Como é imprevisível, é possível ter resultados ou não.

⁴ Embora tenham sido levantados números a partir dos questionários obtidos, o fato de este ser um número limitado dentro do contexto total de alunos da escola, caracteriza-se esta pesquisa como um estudo de abordagem somente qualitativa.

Esta abordagem metodológica permite abrir um leque de possibilidades para o pesquisador.

Dentre tantas possibilidades na escolha de como abordar o tema, optou-se pela análise de pareceres descritivos de crianças que utilizam medicamentos ou que são rotuladas como “anormais”, além da aplicação de questionários com as famílias destes alunos, a fim de obter resultados para os objetivos propostos. Foram analisados os últimos pareceres descritivos recebidos, ou seja, do final do último ano.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede privada, localizada no Vale do Taquari/RS. A preferência foi pelos documentos das crianças que frequentavam os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Houve um grande cuidado ético, criando assim um nome fictício para cada criança. Portanto, elas não foram identificadas, mantendo-se sigilo sobre cada caso.

A maioria das escolas atualmente utiliza os pareceres descritivos como forma de avaliação. Eles são vistos como uma forma de expressar os resultados e avanços relacionados ao desenvolvimento individual da criança. Cardoso ([S.A.]) explica que:

O discurso dos Pareceres Descritivos é entendido, nos meios educacionais, como um modo de expressão dos resultados de avaliação a respeito do desenvolvimento escolar individual dos alunos, das suas relações com os colegas, professores e família. Expressam também a forma como os alunos cuidam de seus materiais escolares, como se dirigem aos professores e colegas, como produzem suas tarefas de casa, como participam das atividades de sala de aula, como se relacionam com as disciplinas escolares, que tarefas escolares devem cumprir, que tipo de comportamento e atitude esses alunos devem ter em sala de aula. Em muitos casos, além do parecer do professor, incluem, também, uma autoavaliação do aluno e uma avaliação dos familiares sobre o desempenho escolar de seu filho, num determinado período de tempo, estipulado pela escola ou pelo sistema educacional (CARDOSO, [S.A.], p. 2).

Os pareceres descritivos são compreendidos como uma forma de avaliação, mas, além disso são também resultados de uma construção entre a criança e o professor. Os pareceres descritivos podem ser entendidos como uma forma de registrar os resultados e avanços de cada criança em certo período de tempo, assim como podem também serem conhecidos como narrativas escolares, pois eles narram a caminhada dos educandos, são pequenas histórias individuais.

A partir da análise dos pareceres atuais, foi feita a leitura da descrição dos professores sobre estes alunos, sobre a área comportamental e cognitiva, bem como o processo de ensino-aprendizagem, buscando a compreensão para o problema, que consiste em saber: “De que modos são narradas as crianças com dificuldades de aprendizagem, de relacionamento e de concentração? ”.

No trabalho, com a utilização de documentos, como é o caso dos pareceres descritivos, é preciso levar em consideração alguns pontos relevantes, como afirma Flick (2009):

Ao decidir-se pela utilização de documentos em um estudo deve-se sempre vê-los como meios de comunicação. O pesquisador deverá também perguntar-se acerca de: quem produziu este documento, com que objetivo e para quem? Quais eram as intenções pessoais ou institucionais com a produção e o provimento desse documento ou dessa espécie de documento? Os documentos não são, portanto, apenas simples dados que se pode usar como recurso para pesquisa (FLICK, 2009, p. 232).

Os documentos, antes de tudo, devem servir como uma forma de comunicação. O pesquisador deverá ter a ânsia de saber as origens destes documentos. Utilizando estas dicas na pesquisa, poderá obter resultados positivos. O autor ainda afirma que “os documentos devem ser vistos como uma forma de contextualização da informação” (FLICK, 2009, p. 234). Neste sentido, procurou-se estar atento às particularidades presentes nos pareceres que constituíram o material empírico da pesquisa.

Ao escolher o tema, a acadêmica pensou na escola em que atua como professora e na qual já conhecia alguns casos de alunos que utilizam medicação, de onde surgiu a curiosidade pelo tema. Em conversa com a professora, orientadora, ela concordou com a realização da pesquisa, mostrando seu também interesse.

O próximo passo foi dirigir-se à escola, marcando um momento para a conversa com a equipe diretiva. Neste momento, foi feito o contato com o diretor da escola e em seguida com a coordenadora. Para ambos, foi explicado resumidamente o trabalho e os objetivos deste. O diretor e a coordenadora aceitaram e interessados com a proposta, concordaram com a coleta das análises que seriam feitas na escola.

A escola possui desde a Educação Infantil (4 anos) até o Ensino Médio, sendo composta por 327 alunos. As aulas acontecem no turno da manhã e à tarde há o turno integral para as crianças.

O primeiro passo foi analisar alunos que possuíam laudos, juntamente com a coordenadora da escola. Após esta coleta de dados houve um contato com os pais destes alunos, explicando que esta era uma pesquisa muito importante para o trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da acadêmica e que esta selecionou alguns alunos de cada turma para responder aos questionários. Em caso de aceite por parte dos pais, eles recebiam um termo que explicava detalhadamente o processo do trabalho e juntamente o questionário a ser respondido. Mas sempre foi deixado bem claro que a participação era livre e opcional.

Foram entregues ao todo 10 questionários, 2 famílias não devolveram e apenas 2 famílias, devolveram, mas disseram que não se sentiam à vontade de responder. O retorno obtido foi muito bom, levando em consideração a participação da família no contexto escolar atual. Após esta primeira etapa, criou-se nomes fictícios às crianças pesquisadas, a fim de não revelar as suas identidades. Já que foram 6 crianças entrevistadas, decidiu-se utilizar os nomes dos 7 anões da história da Branca de Neve, deixando apenas 1 de fora. São eles: Atchim, Dengoso, Dunga, Feliz, Mestre, Soneca, Zangado (não aparece).

Após, mais ou menos uma semana, os questionários começaram a retornar. Digitados todos e após a impressão, recortadas as questões de cada um, em folhas de A3 foram agrupadas, de acordo com as semelhanças respondidas, selecionando em cada folha uma questão diferente. Este processo foi realizado para que se pudesse visualizar as semelhanças e diferenças entre as respostas e conseguir chegar às conclusões que são explanadas na sequência.

Figura 2 – Categorização de dados, conforme imagens 1 e 2

Imagem 1

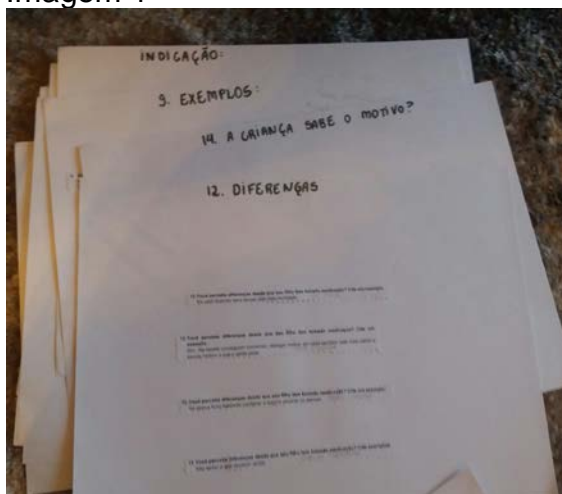
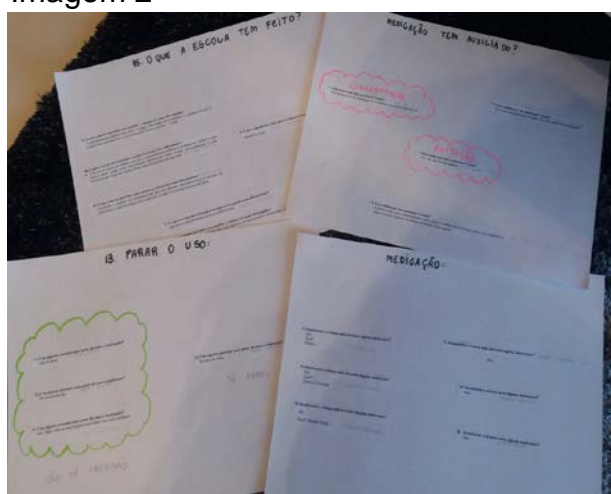


Imagem 2



Fonte: Da Autora.

Nota: Separação dos questionários por semelhanças nas respostas.

É preciso ressaltar que o questionário teve 15 perguntas, que tinham como objetivo saber como a criança é narrada pela sua família, a fim de também conhecer um pouco mais sobre essas crianças que compõem o círculo das crianças com problemas de aprendizagem, concentração e/ou relacionamento.

7 PERCEPÇÕES ACERCA DA PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, são apresentados os detalhes da realização da pesquisa de campo, bem como a análise dos dados obtidos. Inicialmente, análise sobre os questionários enviados às famílias das crianças que possuíam alguma dificuldade nos campos de aprendizagem, concentração e/ou relacionamento. Na sequência, foi realizada a análise dos pareceres descritivos destes mesmos alunos, a partir de uma leitura atenta e criteriosa.

7.1 Descrições familiares

Ao iniciar a análise dos questionários, foi realizada a leitura de cada um e após digitadas e coladas as respostas em outras folhas por grau de semelhança. Ao separar as perguntas por grau de proximidade de acordo com as respostas, consegue-se perceber que em algumas perguntas há algumas semelhanças, mas em outras há um grande grau de disparidade.

Na resposta da 1ª questão “**Como foi a gravidez?**”. Chegou-se a imaginar que a maioria destes alunos fosse fruto de uma gravidez não planejada, sabendo que muitas vezes este é um fato muito recorrente em alunos com dificuldades de aprendizagem, concentração e relacionamento.

Entre os questionários recebidos, a metade não planejou a gravidez. Este é um fato que precisa ser observado atentamente, pois se sabe que no momento em

que um filho não é planejado, isto pode gerar uma frustração, um susto no momento. Porém, depois a gravidez pode vir a ser bem aceita, ou não; ou ainda, enfrentar uma negação que perdura para além do período de gestação.

Outro fato muito importante para ser levantado em uma pesquisa como esta é que ao solicitar para **“descrever fatos importantes desta gestação”**, duas mães relataram que tiveram dificuldades durante a gravidez e que, por coincidência são mães de gêmeos; outra mãe afirmou que teve um contratempo na sua gravidez; duas mães não pretendiam mais ter filhos, afirmando assim que acabaram ficando um pouco assustadas. Apenas uma mãe disse que tudo ocorreu tranquilamente, mas ainda assim, afirmou que não se sentia preparada. Então pergunta-se, o quanto uma gravidez conturbada, colabora para as dificuldades de aprendizagem, concentração e relacionamento? Qual é o impacto dessa influência?

É possível, a partir destas respostas, constatar que nenhuma gestação foi tranquila, sendo este um fato relevante para se pensar, o quanto o período de gravidez pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem, concentração e a inserção no meio social da criança no futuro, observando que todos estes alunos possuem alguma dificuldade. É possível também observar nas respostas que apenas um parto foi prematuro, e um foi natural, os outros quatro partos foram de cesariana.

Autores relatam a importância que o tipo de parto pode ter no desenvolvimento de uma criança, e afirmam que:

O momento obstétrico é muito importante na abordagem neuropediátrica. Deve ser questionado se foi parto normal vaginal ou operação cesariana. No caso de parto vaginal, é necessário saber se foi espontâneo ou induzido e se foi necessário o uso do fórceps. Tendo sido cesariana, deve-se saber se foi por indicação maternal ou fetal, se foi por necessidades urgentes ou eletiva, se foi com anestesia geral ou regional, se a extração do bebê foi fácil ou difícil (ROTA; OHLWEILER; RIESGO, 2016, p. 53).

No momento do nascimento, pensa-se que são apenas mais alguns dados do nascimento, mas deve-se entender o quanto estas informações podem ser úteis e de grande importância em casos de crianças que possuem algum tipo de dificuldade.

A pergunta seguinte se refere à rotina, **“Qual a rotina da criança? Descreva**

as ações desde o momento que acorda até o final do dia.” O primeiro fato observado foi o horário que as crianças acordam, que é extremamente cedo, em torno das 6h15min, 6h30min. Assim como também em suas rotinas, as mães relataram o contato com algum especialista (psicopedagogo ou psicólogo) no turno inverso da aula. Neste momento, pode-se fazer uma comparação ontem x hoje, em nossas fases de escolarização. Quantas crianças frequentavam especialistas extras, além da sala de aula? Há uma preocupação maior pelas famílias atualmente, pois não querem ver os seus filhos “ficando para trás”. Ou será que em tempos anteriores não havia esta preocupação?

Em seguida as famílias relataram o que seu filho gosta de fazer nos momentos de lazer, a partir da seguinte pergunta: **“No tempo livre, o que a criança costuma fazer?”** Percebe-se a grande inserção das tecnologias no dia a dia destas crianças, quando três crianças, representando a metade das entrevistadas, disse que em horas de lazer jogam no computador ou no tablet. É um grande número para crianças desta faixa etária. O que chamou atenção foi a resposta de uma família quando disse que em momentos de lazer seu filho gosta de pescar, que é algo que hoje pouco se vê. Percebe-se a falta de atividades realizadas em família, pois apenas a família de **Soneca** relatou “Brincar e curtir a família”. A partir deste breve levantamento questiono: Onde estão os diálogos? A conversa sobre o seu dia? A sua semana? Os programas em família? A atenção do pai e da mãe com a criança?

O relacionamento entre pais e filhos é de extrema importância para uma aprendizagem significativa, conforme afirma Fernandes:

[...] a família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos (FERNANDES, 2001, p. 42).

Portanto, o momento da aprendizagem é e deveria ser mais um momento importante nas rotinas de todas as famílias, sabendo que a família é a primeira ensinante da criança. Lembrando que os momentos de aprendizagem podem ser os mais variados, não envolvendo estritamente atividades de conteúdo escolar.

Em relação à pergunta: **“A quem a criança era mais apegada”**, houve uma resposta em comum para todos, **“a mãe”**. Quatro citaram somente a mãe, uma

respondeu que é “a mãe e a irmã” e outra respondeu que é “mãe e pai”. Pode-se perceber a grande presença e apegos à mãe, que estas crianças possuem. Isto reforça a importância do vínculo estabelecido nesta faixa etária entre mãe e filho.

Sayão (2013) em seu texto “Filhos... melhor não tê-los?” Faz uma reflexão quanto à questão de ter ou não ter filhos. A autora diz que “ter filhos” é um projeto de vida das pessoas, os filhos acabam virando um objetivo de vida e após um tempo estes objetivos são alcançados. No sentido de que uma vez tendo gerado os filhos, o objetivo de tê-los teria se realizado. Cabe questionar o ato de “tê-los”, seria simplesmente colocá-los no mundo e sustentá-los? Qual a implicação enquanto pais ao “ter” filhos?

Porém, após um tempo, alguns filhos são “abandonados” e isto acontece em vários sentidos, pelo afeto, atenção, cuidado, enfim, são muitos os fatores de abandono que se vê atualmente. No entanto, abaixo, a autora fala sobre os motivos deste abandono estar acontecendo com tanta frequência atualmente:

O primeiro passo é o fato de estarmos vivendo em uma sociedade do consumo e isso, não se restringe ao consumo de objetos materiais. Nós também somos estimulados a consumir ideologias de vida, estilos de vida, sonhos e projetos para o futuro. E uma sociedade que valoriza o consumo impõe uma condição: é preciso consumir sem muita consciência, já que devo logo descartar o que consumi para consumir novamente e de novo descartar e assim sucessivamente. O que caracteriza nossa sociedade, então, é o consumo imediato, sem reflexão para que se possa voltar a consumir qualquer coisa, em qualquer momento (SAYÃO, 2013, p. 17-18).

Entre três fatos que a autora destaca, pode-se perceber que o consumo está em alta na sociedade. Os pais trabalham tanto tempo em rotinas árduas, cansativas e pesadas, para conseguir dar tudo que seu filho deseja e sonha, ter uma vida equilibrada e com luxo. E isto porque a sociedade impõe este estilo de vida? E o afeto? O relacionamento? Os diálogos? Qual o tempo dedicado para estes momentos nas rotinas das famílias contemporâneas?

A próxima pergunta proposta às famílias foi **“percebe alguma dificuldade de aprendizagem, relacionamento ou concentração por parte da criança?”**. O primeiro fato observado foi o relato de como os responsáveis descobriram estas dificuldades. Duas famílias perceberam as dificuldades somente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Outras duas famílias perceberam já na Educação infantil as

dificuldades citadas acima. Outra família descobriu através da agressividade da criança, o que foi perceptível na seguinte descrição *“Foi bastante agressivo com os colegas e a professora”*. Outra respondeu apenas que “sim”, dizendo que percebe estas dificuldades.

A família de **Atchim** foi muito minuciosa ao relatar os fatos que a levaram a perceber as dificuldades, quando relatou que a criança tem problemas de aprendizagem e concentração e descreveu: *“Percebemos desde a creche que a evolução dela era mais lenta do que o normal, pois observamos o irmão gêmeo e víamos que com ele era mais rápido as coisas acontecerem ou ele aprender”*. Esta família conseguiu perceber as dificuldades logo cedo, pois comparava o desenvolvimento de um dos filhos com o desenvolvimento do irmão.

“A escola fez alguma indicação?” Nesta questão, quatro famílias responderam que sim e apenas duas escreveram que não. E logo em seguida foi questionado se esta indicação partiu da dúvida da família ou da escola. Duas famílias responderam que chegaram a um acordo juntamente com a escola, uma não respondeu e três disseram que a escola indicou. Percebe-se que a escola tem tomado iniciativas em casos como estes. No papel do professor ou da escola, é preciso ter um olhar atento aos alunos, pois muitas vezes em pequenos gestos estes expressam as suas dificuldades.

Muitas vezes, ouvem-se discursos de que a escola e os professores encaminham por qualquer motivo os seus alunos para algum especialista. Mas em casos como estes, relatados pelos pais, pôde-se perceber que a maioria procurou um especialista pela indicação da escola. E se não fossem estas indicações feitas pela escola, será que as famílias perceberiam? Será que os pais em casa possuem o mesmo olhar que o professor na escola?

Para além da percepção sobre as dificuldades das crianças, também houve interesse em saber mais sobre os relacionamentos das crianças com as pessoas de seu convívio. Então, também foi colocada a seguinte pergunta no questionário: **“Essa dificuldade afeta o relacionamento com os colegas, a família e a professora? Cite exemplos”**. Percebe-se a disparidade nas respostas, pelo fato de cada família ter descrito de modos diferentes as reações das crianças. A família de

Feliz respondeu: “Com a família bastante, sempre a gente precisa brigar com ele para estudar”. A família de **Dunga** descreveu: “Sim. Desrespeito com os colegas e brigas. Desobediência com professores, diretor e demais que tentavam acalmá-lo. Brigava muito com o irmão menor e também com nós pais”. Pode-se ver que uma grande parte das dificuldades também percebe-se através do comportamento das crianças, sejam elas de aprendizagem, concentração ou relacionamento, como descreveram as famílias acima.

Dunga é descrito como aquele que briga com o seu irmão, por isso, Silva diz que:

O nascimento de um irmão pode levar a alterações de aprendizagem e comportamento, uma vez que leva à necessidade de alterações na estrutura e na organização social, econômica e emocional, modificando as trocas afetivas e as interações familiares [...] (SILVA, 2013, p. 15).

E ainda afirma: “é amplamente aceito que as alterações de comportamento estão associadas a padrões disfuncionais de interação entre pais e filhos” (SILVA, 2013, p. 15). Percebe-se que, segundo as pesquisas do autor, a chegada de um irmão ou a simples convivência, mexe com a estrutura e organização do educando.

Uma das inquietações em relação a crianças com dificuldades no contexto escolar, foi apresentada desde o início deste trabalho e como também uso de medicações. Para pesquisar a quantidade de crianças medicalizadas que foram sinalizadas com alguma dificuldade, questionou-se as famílias com a seguinte pergunta “**Atualmente a criança está tomando alguma medicação?**”: A partir das respostas, foi possível constatar que três crianças tomam medicação e três não tomam, mas uma delas tomou e já parou. **Dengoso e Atchim** usam Ritalina, Dunga toma Zargus e Veuvase. Mestre que já parou de usar, também usava Ritalina.

Observou-se uma tranquilidade muito grande dos pais em relação aos filhos que usam algum tipo de medicação, pois todos relataram apenas benefícios destes medicamentos, nenhuma preocupação quanto aos efeitos colaterais que estes podem vir a causar.

Pelas respostas que os pais deram à pergunta: “**Esta medicação tem auxiliado? Como?**”. Eles demonstraram perceber que a medicação auxiliou na concentração e no controle da agitação de seus filhos, como relata a resposta de

Feliz a seguir: *“Nos parece que ele consegue se concentrar um pouco mais na aula”* e a família de **Dunga** afirmou *“Sim, ele não fica tão agitado”*.

Esta tranquilidade demonstrada pelos pais através das respostas obtidas é preocupante. Nenhum deles comentou alguma preocupação quanto aos efeitos colaterais dos remédios ou, se quer, uma preocupação sobre o uso. Todos demonstram estar gostando dos resultados pelo motivo do uso da medicação.

A questão seguinte também reflete esta segurança em relação à medicação e seus efeitos: **“Você percebe diferenças desde que seu filho tem tomado medicação? Cite um exemplo”**. Percebe-se que todas as famílias que responderam ao questionário, mostram o quanto foi significativo o uso da medicação. A família de **Dunga** trouxe a seguinte descrição: *“Sim. Na escola consegue conversar, dialogar melhor, em casa também está mais calmo e escuta melhor o que a gente pede”*. Além desta família os demais pais também relataram a melhora no comportamento, no relacionamento ou na aprendizagem de seus filhos a partir do uso da medicação.

A partir da questão: **“E há alguma previsão para parar de usar a medicação?”**. Dos quatro questionários respondidos, três afirmaram que não sabem a previsão e uma respondeu que já parou.

Quanto ao uso da medicação, interessava-me também saber qual o nível de conhecimento que as crianças possuem sobre as razões de tomarem determinada medicação. As respostas em relação à questão: **“A criança sabe o motivo de estar usando a medicação?”** foram unânimes. Todos afirmaram que elas sabem. Mas, se perguntassem a estas crianças será que diriam o mesmo? Será que sabem o real motivo assim como seus responsáveis dizem? Se pedíssemos para ela, será que diria a mesma coisa?

Em relação às possibilidades de interlocução entre família e escola, questionou-se: **“O que a escola tem feito para auxiliar a criança em suas dificuldades?”**. Nesta questão pode-se perceber que três famílias responderam dizendo que existe um diálogo entre família/escola, em que as duas andam juntas, conversando entre si. Outras duas famílias já dizem que a escola auxilia de modo a

passar atividades curriculares diferenciadas, como afirma a família de **Dengoso**: *“Conversando com a professora. Ela está fazendo um planejamento diferenciado de ensino a ele”*. E apenas uma respondeu: *“A escola nunca fez muito”*.

Por último, foi acrescentada uma questão: **“Caso haja mais alguma informação que você julgue importante, sinta-se à vontade em descrevê-la no espaço abaixo”**. Esta era uma pergunta muito particular, apenas duas famílias responderam. A família de **Atchim** trouxe o seguinte relato: *“A constatação de que tínhamos um filho que precisava de atenção, auxílio e que muitas vezes por mais que se faça, você não consegue ajudar de forma que gostaria. Percebe-se que estamos preparados para termos crianças padrões (filho, aluno) e que precisamos muito. Nós, famílias, escolas, abrimos os nossos corações. Ter coragem e dedicação para ajudarmos crianças assim, pois elas serão o futuro desse país. ”*

A resposta desta família como um “resumo” do meu trabalho de conclusão, pois esse é o nosso maior erro estar sempre preocupados para ter filhos e alunos “padrões” e quando se recebem alunos ou há uma gravidez de crianças com algum grau de dificuldade, há uma frustração. Deve-se estar sempre preparado para receber alunos com dificuldades de aprendizagem, relacionamento e concentração, pois percebe-se cada vez mais alunos com estas características. É utopia pensar que as turmas de alunos vão andar no mesmo ritmo e compreender tudo que é ensinado, se relacionar da melhor maneira possível e serem superconcentrados.

7.2 Descrições escolares

Após a análise dos questionários respondidos pelos responsáveis, foi solicitado à equipe da escola se havia pareceres guardados das crianças, cujas famílias haviam respondido os questionários. A escola guarda sempre o último parecer. Portanto, a coordenadora fez questão de organizar as cópias para o trabalho em questão.

Em seguida, foi realizada a leitura dos mesmos, marcando frases importantes e que se identificavam com o trabalho de conclusão. Em todos os pareceres, foram encontrados dados pertinentes à pesquisa da acadêmica.

Destaca-se, abaixo, algumas frases que descrevem os alunos com dificuldades de concentração, aprendizagem ou relacionamento. Relembrando que a intenção não é fazer um juízo de valor sobre a forma como os professores realizam as avaliações.

Em relação à **Soneca**, o parecer citava a forma como a escola auxiliou: “Um fato que a ajudou no desenvolvimento das atividades foi estar sentada na frente da classe da professora, na ponta da sala, tirando-a do meio do movimento dos colegas, proporcionando assim, que ela se concentrasse com maior facilidade no desenvolvimento das suas atividades”.

Abaixo segue a descrição do aluno **Dunga**, que traz a classificação do normal e anormal, identificada muito com o trabalho referente aos conceitos de normalidade e anormalidade. “[...] é um aluno que durante esse ano apresentou um comportamento por vezes dentro da normalidade, por vezes agitado, envolvendo-se em atritos com colegas e professores, e quando contrariado reagia com braveza. Sendo necessário muito diálogo para que resolvêssemos as situações”.

Que normalidade é essa? O que é normalidade? Na visão da professora, o que ela quis dizer com normalidade? São questões muito importantes para serem refletidas.

Ó ([S.A.], [s.p.]) diz que o professor deveria mudar e repensar os seus métodos de ensino ao invés de igualar a população escolar. A partir disto, conseguiria atender melhor as especificidades e as necessidades dos educandos. Refletindo sobre estas considerações, percebe-se o quanto a escola ainda busca por um espaço de obrigatoriedade, concentração, disciplinamento e regramentos, que possam homogeneizar os alunos, buscando assim, o autocontrole de todos.

No parecer de **Dengoso** é possível perceber vários excertos que descrevem o aluno. Entre os quais destaco dois excertos: “[...] tentava participar mais das aulas, principalmente quando estávamos conversando sobre algum assunto, ele também queria falar, mesmo que, nem sempre o que ele colocava tinha algo a ver com o tema em estudo”.

No trecho seguinte, é possível perceber a descrição em relação às etapas escolares anteriores: “Mais do que nos trimestres anteriores, [...] demonstrava uma necessidade de ter alguém ao seu lado no desenvolvimento de suas atividades. Caso a pessoa saísse de perto, ele demonstrava estar perdido e não realizava as atividades. Ele continuava confirmando **muita dificuldade** na realização das tarefas e precisava de **muita ajuda** da professora. Havia dias que ele trabalhava muito bem, mas dias em que era difícil conseguir conquistar melhoras no desenvolvimento das atividades. Nas tarefas mais difíceis, em que ele se sentia pressionado a fazer, ele tentava fugir da situação indo ao banheiro” (grifos meus).

Neste parecer pode-se perceber que a maior dificuldade é a de aprendizagem. Ao contrário dos outros dois pareceres apresentados acima, nos quais apresenta-se a dificuldade de concentração e de relacionamento. Porém, a própria dificuldade de aprendizagem reflete outras dificuldades como a insegurança e a própria concentração nas atividades, no sentido de sentir-se capaz de realizá-las. O que remete à discussão teórica no capítulo 4, no qual destaca-se que por vezes ficam as dúvidas do que são as causas e as possíveis consequências de problemas de aprendizagem, de concentração ou de relacionamento.

No parecer descritivo de **Atchim**, percebe-se a dificuldade de concentração presente também: “[...] apresenta aflição com a correção das atividades, necessita da confirmação de que estão exatamente corretas, caso precise corrigi-las fica instável e algumas vezes não consegue acompanhar”.

A seguir são analisados excertos do parecer de **Mestre**. “[...] facilmente perde a confiança e se deprecia, dizendo que é burro e que não vai aprender [...]. No trabalho com frações, ainda precisa de material concreto para melhor visualização das partes e do inteiro. Percebe-se que tem potencial, mas precisa sentir-se seguro da própria capacidade de construir seu conhecimento, desenvolvendo a autoestima e a perseverança na busca por soluções. ”Pode-se perceber a insegurança deste aluno e quais os possíveis motivos desta insegurança? Será que é elogiado na sua casa, na escola? Será que é incentivado?”.

É importante a consideração a seguir feita pela professora. “Também considero importante o trabalho psicológico antes de iniciar o ano letivo, devido a

sua baixa autoestima”. Ou seja, é perceptível o apontamento da professora de um trabalho de acompanhamento que deveria se dar para além do espaço da sala de aula.

7.3 Relações perceptíveis

Durante a análise dos pareceres e dos questionários foi possível estabelecer semelhanças e diferenças entre as narrações por parte da família e por parte dos professores, assim como fazer algumas reflexões. Seguem algumas relações percebidas.

Pode-se fazer algumas comparações, como no exemplo do aluno **Mestre**, citado acima. A professora relata a sua baixa estima e insegurança. Já no questionário respondido pelas famílias, é relatado sobre o período que tomou medicação: “Na época ficou bastante confiante e seguro perante os demais”. “Este pode ter sido um ponto positivo do uso dos medicamentos, mas depois o mesmo parou o uso e a professora novamente relata esta sua baixa estima”.

Outro fato observado é que a família do aluno **Dengoso** diz que com todo o acompanhamento feito nestes 3 anos, nenhum profissional conseguiu definir muito bem o aluno. Seguidamente, pode-se ver esta insegurança da professora na escrita do parecer do aluno, ora diz que há dias em que trabalha muito bem, e dias que era mais difícil. Assim como diz que ele tentava participar das aulas, porém nem sempre o que falava tinha algo a ver com o tema em estudo.

Em meio a estas discordâncias, há o parecer de **Dunga**. É visto como um aluno agitado, envolvendo-se em atritos com os colegas e professores, sendo necessário muito diálogo para resolver a situação. A família relatou no questionário que a criança tem desrespeito com colegas e envolve-se em brigas, desobediências com professores, diretor e demais, que tentavam acalmá-lo. Ou seja, no caso de Dunga, o parecer e o relato da família corroboram e há uma narrativa semelhante de ambos os contextos: escola e família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinto uma enorme satisfação ao chegar nas considerações finais deste trabalho, ao mesmo tempo um gostinho de “quero mais”, foi um trabalho muito bom e ao mesmo tempo muito interessante. Esta temática sempre me deixou curiosa, saber como estas crianças são narradas pela família e pela escola. Sei que o meu esforço até chegar aqui valeu muito, pois também sei o quanto agreguei aos meus conhecimentos e tudo o que vou levar para minha vida profissional, afinal alunos que possuem dificuldades de aprendizagem, de relacionamento e de concentração, estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar.

No decorrer desta pesquisa, muitas vezes me perguntei o que leva estas crianças a ter essas dificuldades. A partir dos instrumentos de coleta de dados utilizados consegui extrair algumas conclusões, porém trata-se apenas de algumas hipóteses levantadas a partir dos questionários e pareceres analisados.

Muitas reflexões me acompanharam dia após dia. Uma delas foi de pensar na necessidade das medicações. Será que estes alunos realmente precisam dessas medicações? Como seriam se não usassem esses medicamentos? Será que existe outra forma de os alunos melhorarem essas dificuldades além do uso de medicamentos?

Percebi que uma preocupação dessas famílias é com o acompanhamento que seus filhos têm, pois através dos questionários foi possível constatar que a maioria tem um acompanhamento de algum psicólogo, psicopedagogo, entre outros especialistas. Vejo que esta é uma atitude muito importante tomada por essas famílias, seja por iniciativa própria ou da escola.

Dentre as reflexões, outra questão importante para analisarmos é a confiança e afeto mais forte pela mãe. Cheguei à conclusão de que para uma parte destes alunos a presença da família toda reunida não faz mais parte da rotina na contemporaneidade. Como descrito acima, vivemos na sociedade do consumo, onde é preciso valorizar os trabalhos, ter grandes cargas horárias para assim obter um bom salário mensal, podendo assim consumir, consumir e consumir. Será que este é o segredo da felicidade?

Algo que me deixou muito incomodada é saber que os termos de normalidade e anormalidade fazem parte da escrita dos professores em pareceres, uma vez que acabam classificando o aluno dentro de um desses conceitos. Estamos vivendo o momento em que se busca a todo o momento encontrar e dividir o normal do anormal. E isso acontece em qualquer lugar, tanto nas escolas como também na sociedade.

Vejo que há algo em comum entre o anormal do século XVII, apontado por Foucault, e o dito “anormal” da atualidade, pensando no “indivíduo a ser corrigido” e os nossos “indisciplinados” atualmente. Naquela época, o “indivíduo a ser corrigido”, ou seja, “aquele que hoje é conhecido como aluno com dificuldade” era controlado através da internação, era afastado de toda a sociedade, e “tratado” na busca da correção. Atualmente, uma maneira clássica de lidar com o ser que possui dificuldades é o uso de remédios como a Ritalina, medicamentos que acalmam a criança, auxiliando na aprendizagem.

É muito importante também se colocar no lugar da criança, como se comporta com o uso de medicamentos, será que está exercendo o seu papel de criança? E que significados ela atribui aos remédios? Será que ela realmente compreende o uso deles? Percebi através dos questionários o quanto estas famílias acreditam no uso destes medicamentos, não relatando nenhuma vez os medos em relação aos efeitos colaterais.

Como acadêmica do curso de Pedagogia, esta pesquisa abriu novos horizontes e me fez ver com outros olhos o aluno que possui dificuldades de aprendizagem. Em uma pesquisa é preciso persistir e buscar. Afinal, como disse Alexandre, o Grande, “nada é impossível para aquele que persiste”.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe; **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**. Educação democrática para um futuro humano. Autêntica. 2013.

CARDOSO, Ângela Maria Borba. **Pareceres descritivos: De Frankenstein ao monstro-escolar**. UFRGS/PPGEdu. [S.A.].

COUTINHO, Karyne Dias. **A emergência da psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre, RS, 2008. p. 53-90.

CURY, Augusto. **Ansiedade: como enfrentar o mal do século: a síndrome do Pensamento Acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

ELIAS, Carime Rossi; AXT, Margarete. **Quando aprender é perder tempo... Compondo relações entre linguagem, aprendizagem e sentido**. Psicologia & Sociedade. Set-dez/2004.

FERNANDES, Alicia. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. v. 3., Rio de Janeiro: Graal. 1985.

_____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREITAS, Claudia Rodrigues de. **Corpos que não param: a atenção como ferramenta**. 2011. Disponível em: <<http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/>

2010/Educacao_Especial/Trabalho/12_25_10_CORPOS_QUE_NAO_PARAM__A_A_TENCAO_COMO_FERRAMENTA.PDF>. Acesso em: 12 set. 2016.

GOOGLE. BRUEGEL, Pieter. **Children's Games**. 1560. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=pieter+bruegel&rlz=1C1AVNE_enBR657BR657&biw=1242&bih=557&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjmp5zo1P7PAhUEIJAKHe5zBUwQ_AUICCGB#tbm=isch&q=pieter+bruegel+obras&imgsrc=blGbtVnEp4cKpM%3A>. Acesso em: 28 out. 2016.

HELENE, André Frazão; XAVIER, Gilberto Fernando. **A construção da atenção a partir da memória**. Rev. Bras. Psiquiatr. 2003. v. 25., supl. 2, p. 12-20. ISSN 1516-4446. doi: 10.1590/S1516-44462003000600004. Acesso em: 22 set. 2016.

KASTRUP, Virgínia. **A aprendizagem da atenção na cognição inventiva**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a02v16n3.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2016.

KOHAN, Walter O. **Infância: entre educação e filosofia**. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2001.

Ó, Jorge Ramos do. **A arte de governo e a sequência reversível da psicopedagogia moderna: Poder – Saber – Querer (1879-1911)**. Disponível no site: <<http://www.c-e-m.org/wp-content/uploads/ramos-do-o-a-arte-do-governo.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2015.

OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDRom.

PEREIRA, Débora Silva de Castro. **O ato de aprender e o sujeito que aprende**. v. v. 18., São Paulo: 2010. Disponível no site: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n16/v18n16a10.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2017.

RHODEN, Cacau. **TARJA BRANCA**. Direção: Cacau Rhoden. Duração: 1h 20min. 2014.

RODRIGUES, Marlete M. S. **Medicalização de crianças: Revisando dissertações de mestrado no banco de tese da Capes (2007 – 2011)**. 2013. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Psicologia. Ênfase em Infância e Família, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ROTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem. Abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SAYÃO, Rosely. Filhos... Melhor não tê-los! **Família e educação: Quatro olhares.** Capítulo 1. In: Aquino, Julio Groppa; Sayão, Rosely; Rizzo, Sérgio; TAILLE, Yves de La. Campinas: Família e educação: Quatro trilhas, 2013.

SILVA, Nuno Miguel Alves Abreu e. **Fatores que influenciam as alterações de comportamento e dificuldades de aprendizagem em crianças da Cova da Beira. Relação com alterações eletroencefalográficas**, 2013. Disponível no site: <file:///C:/Users/Gabi/Downloads/a18998_4973pdf%20(8).pdf> . Acesso em: 29 abr 2017.

SUKIENNIK, Paulo Beréi. **O aluno problema: Transtornos emocionais de crianças e adolescentes.** Mercado aberto. 2. ed. Porto Alegre. Mercado aberto, 2000.

VARELA, Julia; ALVAREZ – URIA, Fernando. **A máquina escolar.** n. 6., São Paulo: Teoria & Educação, 1992. P. 68-96.

WALKERDINE, Valerie. **Uma análise foucaultiana da pedagogia construtivista.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Liberdades reguladas. A pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 146-216.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch; CIPOLLA NETO, José; BARRETO, Luis Silveira Menna. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo entregue ao diretor da escola como autorização para iniciar a pesquisa

Termo de consentimento informado para o diretor da escola

Eu, _____, na condição de diretor (a) da instituição _____, autorizo a realização da investigação desenvolvida pela pesquisadora Gabriela Arenhaldt, aluna do Curso de Pedagogia no Centro Universitário - UNIVATES.

Esta pesquisa trata-se de um Trabalho de Conclusão, que tem por objetivo principal saber de que modos são narradas as crianças com dificuldades de aprendizagem, de relacionamento e de concentração. Além disso, procura-se perceber e refletir se as crianças realmente necessitam do uso de medicalizações.

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar da leitura e observação dos pareceres descritivos dos alunos, assim como laudos médicos, de psicólogos e neurologistas tendo propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação nominal dessa instituição, de seus profissionais, bem como das crianças da turma observada.

A participação desta instituição é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa para a escola.

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que eu tiver em qualquer momento da pesquisa.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, por isso autorizo a divulgação das observações, das imagens, e das entrevistas geradas na escola para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Data: ____/____/____

Nome do (a) diretor (a): _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B – Termo entregue aos pais dos alunos que farão parte da entrevista

Termo de consentimento informado para os responsáveis pela criança

Eu, _____ aceito que meu/minha filho (a) participe da investigação desenvolvida pela pesquisadora Gabriela Arenhaldt, aluna do Curso de Pedagogia no Centro Universitário –UNIVATES.

Esta pesquisa trata-se de um Trabalho de Conclusão, que tem por objetivo principal saber de que modos são narradas as crianças com dificuldades de aprendizagem, de relacionamento e de concentração. Além disso, procura-se perceber e refletir se as crianças realmente necessitam do uso de medicalizações.

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar da leitura e observação dos pareceres descritivos dos alunos, assim como laudos médicos, de psicólogos e neurologistas que se encontram nos arquivos da escola. Tendo propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação nominal desta instituição, de seus profissionais, bem como das crianças da turma aplicada.

Estou ciente de que a pesquisa me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa, uma vez que a participação de meu/minha filho (a) é um ato voluntário. Houve a garantia de que esse tipo de pesquisa não compromete ou prejudica em nada o desenvolvimento do meu/minha filho (a).

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que eu tiver em qualquer momento da pesquisa.

Essa pesquisa pode contribuir no campo educacional, por isso autorizo a divulgação das observações realizadas para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Data: ____/____/____

Nome da criança: _____

Responsável legal pela criança: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE C – Questionário entregue às famílias dos alunos

PESQUISA A SER RESPONDIDA PELOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DAS CRIANÇAS**Nome da criança:****Nome dos pais ou responsáveis:**

1. Como foi o período da Gravidez:

☐ Planejada☐ Não planejada☐ Tranquila

Descreva alguns fatos importantes:

2. Como foi o parto:

Descreva fatos importantes:

3. Qual é a rotina da criança? Descreva as ações desde o momento que acorda até o final do dia.

4. No tempo livre, o que a criança costuma fazer?

5. A criança é mais apegada a:

☐ Mãe ☐ Pai ☐ Outra pessoa. Quem? _____

6. Percebe alguma dificuldade de aprendizagem, relacionamento ou concentração por parte da criança?

7. A escola fez alguma indicação de acompanhamento?

8. Em caso afirmativo, essa indicação partiu da sua dúvida ou da escola?

9. Essa dificuldade afeta o relacionamento com os colegas, a família ou a professora? O que você percebe? Cite exemplos.

10. Atualmente, a criança toma alguma medicação?

11. Tem auxiliado? Como?

12. Você percebe diferenças desde que seu filho tem tomado medicação? Cite um exemplo:

13. E tem previsão para parar de usar a medicação?

14. O que a escola tem feito para auxiliar a criança com dificuldade?

15. Caso haja alguma informação que você julgue importante, sinta-se à vontade em descrevê-la no espaço a baixo.
